

Na Tal Noite

Rui Zink

Universidade Nova de Lisboa

Ilustrações de Evelina Oliveira

É quase meia-noite. Dores está ali, como os outros, há mais de 36 horas. Teriam sido recambiados no dia anterior, se nesta quadra os voos não estivessem sempre cheios, com passageiros legítimos, que legitimamente vão visitar os paraísos exóticos de onde vêm os clandestinos.



Roupas coladas aos corpos há demasiadas horas. Ar gasto, recinto estreito, demasiada concentração de pulmões.

Quanta gente tentando entrar nos EUA, em plena véspera de natal. Infelizmente isso não é tolerável. Assim, embora os guardas sejam americanos, a zona do aeroporto em que se encontram os ilegais não o é.

Joe é largo como duas portas, e tão negro quanto grande e gordo. Aceitou fazer este turno porque, se ele não se voluntariasse, estaria ali outro funcionário da emigração. Um com família, doença de que não padece Joe. Que mulher casaria com um hamburguer ambulante?



Dores é açoriana. Supostamente, ia ter com o "marido". Uma história mal contada. Na verdade apenas tinha uma vaga promessa de que, na América, não lhe faltaria o que fazer – como mulher a dias, a guardar crianças, ou mesmo como cozinheira.

Dores é bonita? Vá lá saber-se. Por isso a surpreendem os olhares esquivos que de vez em quando lhe lança aquele gigante negro. Dores sabe que ele é o inimigo, que por causa dele, e de outros como ele, vai ter a vida de novo a voltar para trás. Mas que mais mal lhe pode ele fazer? Por que a olha então assim?

Joe não quer olhar para ela. É pago para ser inflexível, e sempre o foi. De certo modo até é para bem dos clandestinos. Os empregos mal chegam para os que já lá estão.

Ele cora? Não, um negro não cora. Mas sim, diz-se Dores, ele cora. Quase dá vontade de rir.

É quase meia noite, pensa Joe. Pobre gente. Ele bem que gostaria de ajudar. Mas como? Ao menos uma vez na vida. Ao menos hoje. Mas quem? Talvez aquela mulher.

Não, diz-se Joe, não posso pensar isso. É pecado. Sobretudo nesta noite é pecado. Joe sabe que por fora é feio. E pergunta: também o serei por dentro?

Dores inquieta-se: mas por que raio não pára ele de olhar?

Joe faz contas: se ela casasse com um cidadão americano já poderia entrar. E depois diz-se: olha-te ao espelho, estúpido.

Mas não precisava de ser um casamento a sério. Basta ser no papel. Esta ideia, e o aproximar da hora, levam-no a decidir-se. Uma boa acção de natal. É isso.

– **Usted quier cassar con mygô?**

Primeiro, Dores acha que não percebe.

Depois, fica horrorizada. Que nojo de homem é este? E olha-o nos olhos, com o desafio de que só uma mulher muito muito pequena é capaz, perante um homem muito muito grande. A aproveitar-se de eu ser fraca, pobre, infeliz?

Ele apenas a olha. E ela aí muda um pouco. E pensa: homens. Dores conhecidos, aí se conhece. Mas depois pensa: ao menos nesta noite, virgem santíssima, poderei confiar em alguém? E logo num homem?

– **Óquei** – diz. Uma das poucas palavras que conhece em americano.

Joe estremece. E repete a si próprio que não lhe tocará. É apenas um acto de amor, sim, mas de amor cristão, casto e puro, desinteressado. Uma boa acção.

Consta que, nessa mesma noite, fizeram um Menino.